

DANIEL LINS O DISCURSO DO CORPO SEM ÓRGÃOS

Samir Murad Melhem¹

Esse modesto relato, é a fala de um ator. Um ator que pesquisa, que pensa é certo, mas um ator. Que acima de tudo sente, ou seja, a fala sai pelo canal da intuição, da prática do ofício, onde o coração deve chegar antes do cérebro e o levar a reboque. Não esperem encontrar, portanto, nada além de minha experiência narrada a partir de alguns encontros que tive com Daniel Lins, tendo o meu trabalho teatral, como o motivo maior que nos aproximou. Felizmente, acima de tudo para mim acredito, nos tornamos amigos. Sinto-me assim, muito honrado de ter sido convidado a fazer parte desse corpo de autores que falam sobre Daniel Lins, dentre os quais muito provavelmente, meu depoimento será o mais informal e destituído de qualquer pretensão científica. Que ele se preste a ser simplesmente o que pretende: o registro da força avassaladora do discurso e da escrita e porque não dizer do caráter desse cidadão e como esses interferem, interagem e ampliam a consciência sobre uma obra artística, no meu caso um espetáculo teatral.

¹ Professor da Faculdade CAL de Artes Cênicas, ator de teatro, cinema e televisão, autor e dublador.

Tive o singularíssimo prazer de conhecer Daniel Lins por conta do Congresso sobre Nietzsche – Deleuze, por ele organizado, que aconteceu em Fortaleza no Centro Cultural Dragão do Mar, creio que no ano de 2002. Fui convidado a participar do evento com o meu espetáculo solo *Para Acabar de vez com o Julgamento de Artaud*. Após a apresentação houve um debate sobre Artaud e suas relações com os dois filósofos mencionados no título do evento. E entre as cabeças pensantes da mesa estava naturalmente Daniel Lins.

Em sua fala, tive um contato inédito com uma articulação do pensamento que de imediato, me fez sentir uma afinidade com um tipo de erudição que curiosamente me tocou o coração. Lembrei-me de outros não muito numerosos encontros que tive antes desse, como espectador no campo da Filosofia e da Arte. Um dos mais significativos foi uma palestra que assisti com Gerd Bornheim que falava sobre o Teatro Dialético de Brecht. Sua fala era brilhante, de um entusiasmo lúcido e transparente, que cativava pelo carisma e pelo prazer de quem sabe transmitir conhecimento de forma absolutamente espontânea. Ao final eu o convidei para assistir esse mesmo espetáculo. Ele foi e disse que tinha gostado muito. Eu então pedi a ele que colocasse num pedaço de papel umas poucas palavras do que tinha achado, e ele escreveu: “O melhor Artaud que eu vi, o melhor Artaud que eu li”. Essa generosidade inata dos grandes espíritos se fez presente quando ouvi Daniel. Mas enquanto Gerd te abraça com as palavras, Daniel te puxa com elas para uma conversa em *close*, olho no olho. Falando com o corpo, ele me fez vivenciar uma experiência sensorial da qual não saí ileso, à semelhança daquela que tive com Artaud em cena. De alguma maneira a meu ver, ele complementava a teoria da prática *artaudiana* que eu tentava como ator. Tive um vislumbre dos conteúdos que o seu livro sobre *Artaud - O Artesão do Corpo sem Órgãos*² - havia me provocado, como se aqueles, pulassem do papel e fossem *carnalizados* em seu discurso.

Ao tecer comentários a respeito de meu espetáculo, Daniel passeou por metáforas, comparações, enfim ideias-imagens que eu, sinceramente não tinha consciência que minha primeira experiência solo em cena pudesse suscitar. Adentrei assim para um outro plano desse universo, que era esse Artaud visto a partir do campo do pensamento puro e que se fazia concreto pela força das palavras de Daniel. Pois tendo estudado o pensamento *artaudiano*, sempre tendo como meta principal, suas possibilidades expressivas na experimentação da cena teatral, eu havia somente bordejado mais essa faceta desse ser caleidoscópico. Antonin Artaud, parece ter tocado a

² Daniel Lins, *Antonin Artaud - o Artesão do Corpo sem Órgãos*. 2ª ed. São Paulo: Lumme Editor, 2011.

sensibilidade de vários pensadores contemporâneos como Deleuze e o próprio Daniel que eram o foco principal desse espetáculo maior: o congresso onde meu trabalho se inseria, não como ilustração, mas como uma das possibilidades *artaudianas* de pensar o Teatro e a Vida conjuntamente, sem *departamentalizações* pequeno-burguesas. Em outras palavras, aqui uma peça teatral além de seu caráter espetacular, também é um conjunto de ideias-formas pulsantes, que trazem em sua *performance*, desdobramentos que tocam outros tipos de comunicação, como a conferência, a poesia, a dança, o teatro de rua e acima de tudo é suor, saliva e músculo. Pude perceber assim que minhas palavras com o texto de Artaud na cena e o texto de Daniel na mesa de debates, complementavam-se organicamente.

Tive então a dimensão que esse trabalho cênico não mais me pertencia, pois não era somente um espetáculo teatral, mas uma experiência, acredito eu, próxima ao que Artaud preconizava do que deveria ser ou vir a ser o Teatro. Essa percepção mais ampla e completa de minha própria criação, eu tive graças a Daniel Lins.

Aproximadamente, três anos depois, tive a sorte de ter Daniel mais uma vez encabeçando a mesa de debatedores convidados para falar sobre Artaud após esse meu espetáculo, que também havia sido convidado. Tratava-se dessa vez do grande evento sobre teatro e vida intitulado *A Teatralidade do Humano*, organizado por Lucia Pardo e que aconteceu em 2005 no Teatro da Oi Futuro no RJ, tendo virado livro no ano seguinte publicado pelo SESC SP e que reúne entrevistas, depoimentos, palestras, fotos, de todos os artistas, intelectuais e “fazedores” da arte teatral de inúmeras vertentes. Ali, me assistindo pela segunda vez, Daniel novamente, fez leituras simbólicas do binômio corpo-voz do Ator, da itinerância desse conceito no espaço e na sua relação com os objetos simbólicos de cena. Falou de meu corpo “*artaudiano*”, que se desmembra e se transforma em um novo corpo a cada apresentação, revelando uma “ossatura da alma”. Um conceito que ele *linkou* com o do “corpo sem órgãos” preconizado por Artaud.

Naturalmente em ambas as oportunidades, senti-me muito gratificado ao perceber que meu trabalho como artista de teatro caminhava ao encontro dos blocos de pensamento a partir do qual Daniel erigia seu discurso totêmico, metafísico e faiscante em cadências que se chocavam com uma possível lógica de ouvintes menos avisados, lembrando a partitura física de um ator ou ainda uma sinfonia de Stravinsky, repleta de quebras, pausas, com alternância de ritmos e cores.

O jorro dessa consciência de Daniel sobre a consistência de meu trabalho de pesquisa cênica, não tinha em absoluto a conotação do argumento de um crítico ou mesmo de um especialista na leitura da semiologia do teatro, mas sim a de um artesão da fala, com profundo conhecimento das tessituras construídas pelo pensamento artaudiano. Essa vivência me fez sentir que a partir de minha entrega inevitável, eu havia encontrado um caminho, felizmente sem volta, para ser um artista mais pleno e íntegro, comprometido com a obra que havia me proposto a realizar, onde não a vaidade, mas a humildade do ator que se abre para o desconhecido, além dos seus limites corpóreos, vocais e emocionais, fizeram-me legitimar meu ofício a partir de um novo olhar.

Daniel presenteou-me com algumas pérolas de sua produção intelectual original e única, que passam pelo jornalismo investigativo e denunciador como *O Dedo no Olho*³, uma leitura arrepiante que mostra os podres de uma sociedade movida por uma política corrupta e tirânica. E também um ensaio poeticamente *artaudiano* sobre Virgulino Lampião, em seu livro *O Homem que Amava as Mulheres*,⁴ e que afora o fato de ser uma visão inovadora que mistura sociologia e psicanálise, nos mitos do cangaço, muito me auxiliou em minha pesquisa do meu próximo solo sobre o Padre Cícero.

Meu último encontro com Daniel, deu-se há uns três anos em sua casa em São Paulo. Comi um pato preparado por ele mesmo e tomamos vinho, enquanto escutava as apreciações do seu novo livro sobre Bob Dylan. Obrigado Artaud! Obrigado Daniel! Obrigado a vocês que me permitiram o relato dessa minha experiência. Evoé!

³ Daniel Lins, *O dedo no olho: micropolíticas do cotidiano*. São Paulo: Annablume, 1999.

⁴ Daniel Lins, *Lampião, o homem que amava as mulheres*. 2º ed. São Paulo: Annablume, 2011.